



A HISTÓRIA DO CANHÃO MISTERIOSO

CMG (RM1) Pedro Gomes dos Santos Filho

Esta é a história de um canhão. Uma história em que dados controversos deixam perguntas sem resposta e, por conseguinte, transformam seu personagem principal, uma arma apenas diferente, em um canhão cercado de mistérios.

A história se passa no final do século XIX. Naquela época, as Marinhas de guerra viviam um extraordinário aprimoramento, consequência da revolução tecnológica na construção de navios e no desenvolvimento do armamento naval. Apesar disso, fabricar uma munição confiável no final daquele século não era uma tarefa fácil. Os explosivos usados nas granadas, geralmente pólvora negra ou TNT, ideais para fazer frente às couraças cada vez mais resistentes, eram suscetíveis a detonações prematuras devido ao calor ou choque proporcionado pelo recuo dos canhões. Além disso, as “negas” eram frequentes; as espoletas, não confiáveis. Naquele cenário, alguém que conseguisse desenvolver um canhão imune a problemas semelhantes poderia ganhar um bom dinheiro, ficar famoso ou, mais importante, ajudar seu país em situações de crise ou conflito. Não se pode afirmar a motivação do inventor, mas o desafio o levou a criar o *pneumatic dynamite torpedo gun*.

O canhão, assim como os Whitworth, Armstrong, Krupp e Nordenfeld, também era conhecido pelo nome do seu criador e fabricante: Zalinsky.

O Capitão Edmund Louis Gray Zalinsky (ou Zalinski) nasceu na Polônia, mas serviu como oficial artilheiro no Exército norte-americano durante a Guerra Civil. Em 1883, ao assistir à demonstração de um pequeno canhão a ar comprimido, teve a ideia de fabricar um canhão pneumático de maior calibre. Especialista em tecnologia militar, aperfeiçoou o pequeno modelo e construiu canhões pneumáticos operacionais, destinados a lançar, como alguns jornais noticiavam, “projéteis torpedos-aéreos com carga de nitroglicerina”. Doze canhões foram empregados na defesa do litoral; três instalados na proa do cruzador experimental USS “Vesuvius”, comissionado em 1890.

Em 1893 eclode no Brasil a Revolta da Armada, capitaneada pelo Almirante Custódio de Melo. O Governo de Floriano Peixoto se apressa em comprar navios no estrangeiro para combater a Esquadra revoltada. A compra é intermediada pelo dinâmico comerciante de armas e empresário Charles R. Flint, futuro fundador da IBM.

Ao chegar ao porto de Recife, um dos navios da Esquadra legalista, o mercante adaptado “El Cid”, rebatizado como “Nitheroy”, chamava atenção. Ostentava na proa uma arma desconhecida, calibre 15 polegadas: o “canhão de dynamite”, também denominado “canhão-dynamite” ou “canhão pneumático”.

A chegada do canhão ao Brasil levanta o primeiro mistério. Qual foi o verdadeiro impacto que aquela nova ameaça provocou nos revoltosos?

O livro “Comércio e canhoneiras”, de Steven C. Topic, registra que o medo do canhão pneumático preocupava bastante os insurgentes:

*“Embora Mello e outros participantes da revolta, como o Almirante Alexandrino Alencar, argumentassem que tinham evitado entrar em conflito com a esquadra por questões estratégicas, de fato, o medo do canhão-dinamite do Nitheroy era a maior das suas preocupações”.*¹

Por outro lado, a obra do Capitão-de-Fragata Alberto Augusto Gonçalves, “Traços biográficos do Almirante Jerônimo Francisco Gonçalves”, apresenta boletim no qual os revoltosos minimizavam a importância do “Niterói” em comparação com o seu capitânea.

“...O Niterói (ex-El Cid) é imprestável e não poderá resistir a dois tiros da torre do Aquidabã, que passou por grandes melhoramentos em Santa Catarina!...”
*“Mais alguns dias e a vitória é certa. Ilha das Cobras, 17 de Janeiro de 1894”.*²

É fato que Custódio de Melo evitou entrar em combate com a Esquadra legal e, por isso, recebeu críticas. Entretanto, não se pode afirmar categoricamente que o motivo foi o temor do canhão-dinamite. Até porque a eficácia daquela “arma secreta” ainda não havia sido demonstrada. Embora a propaganda do canhão do “Niterói” veiculada por jornais norte-americanos fosse intensa, alguns historiadores afirmam que ele nunca funcionou. Como uma arma que não havia ainda funcionado podia se tornar uma ameaça terrível a ponto de causar pavor ao inimigo? O mistério sobre o temor causado pelo canhão, apontado pelo historiador norte-americano, persiste. Mas antes de ser desvendado, surge outro: o canhão realmente nunca funcionou?

O jornal The New York Times, de 28 de janeiro de 1894, registra a execução de um teste de disparo realizado em Recife, com a presença do Almirante Jerô-

nimo Gonçalves, antes da sua Esquadra rumar para o Rio de Janeiro. Por sua vez, a revista Proceedings, de 15 de março de 1894, relata que antes da entrada da Esquadra legal no Rio, no dia da rendição dos revoltosos, uma granada foi disparada, com sucesso, contra a Ilha do Pai. Steven C. Topic também registra, na obra já citada, uma bem sucedida manobra de exibição do canhão-dinamite (acerto no alvo a mais de 3 km) nessa mesma época. Além disso, o autor afirma que, no início do combate ocorrido em Santa Catarina, onde estava sediado o governo provisório da rebelião, o canhão fez dois disparos “apenas para testá-lo, assustando a tripulação do Aquidabã”. Logo, segundo essas fontes, o canhão teria funcionado. Mas será mesmo que funcionou? O que se pode afirmar, de acordo com a pesquisa realizada, é: em combate o canhão não funcionou. Com efeito, embora estivesse prevista a sua entrada em ação em duas situações de enfrentamento, o canhão não disparou. Desse fato, chega-se ao próximo mistério: Por que o canhão não abriu fogo quando estava previsto?

O emprego do canhão estava programado nos planos de combate da Esquadra legal. A primeira ação seria contra os rebeldes no Rio de Janeiro. Porém, a chegada da Esquadra à entrada da barra coincidiu praticamente com a capitulação de Saldanha e o asilo dos rebeldes nos navios portugueses fundeados na Baía de Guanabara. Como não chegou a haver combate, o canhão não precisou disparar, quanto a isso não há dúvidas. Na segunda tentativa de emprego da arma, a razão pela qual o canhão não atirou envolve, aí sim, vários mistérios. Diz o Almirante Gonçalves no seu relatório sobre a ação contra os rebeldes em Santa Catarina:

*“...De acordo com esse plano, determinei que o cruzador Niterói preparasse o canhão de dinamite, a fim de hostilizar o forte de Santa Cruz³, devendo o cruzador Andrada ir em proteção dele. A execução desse plano não teve lugar por não ter podido funcionar o canhão automático, tendo o encarregado do referido canhão norte-americano, Mr. Brindley, dado parte de doente”.*⁴

O Tenente Edward Brindley era graduado da Academia Naval de Anápolis, Turma de 1880. Contratado

¹ TOPIC, Steven C. Comércio e canhoneiras: Brasil e Estados Unidos na Era dos Impérios (1889-97). São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 311.

² GONÇALVES, Alberto Augusto. Traços biográficos do Almirante Jerônimo Francisco Gonçalves. Rio de Janeiro: Imprensa Naval, 1943, p. 121.

³ A Fortaleza de Santa Cruz fica na ilha de Anhatomirim; foi construída por volta de 1740 para defender o Norte da Ilha de Santa Catarina.

⁴ GONÇALVES, Alberto Augusto. Traços biográficos do Almirante Jerônimo Francisco Gonçalves. Rio de Janeiro: Imprensa Naval, 1943.

junto com outros americanos para compor as tripulações dos navios recém-adquiridos, foi designado encarregado do canhão-dinamite. Recebeu, de acordo com jornais da época, adestramento diretamente do Capitão Zalinsky antes do “Niterói” suspender para o Brasil e foi considerado apto a chefiar a guarnição do canhão, composta por “14 excelentes marinheiros”.⁵ Não cumpriu a sua missão, que era fazer o canhão disparar, mas por quê? Será que era, como foi acusado pelo Governo brasileiro, um traidor? Não confiava na segurança da arma sob seu encargo? Estava mesmo doente? Já se encontrava doente ou adoeceu momentos antes do combate? A doença era tão grave a ponto de impedir sua atuação? Dos “14 excelentes marinheiros” não havia nenhum que pudesse o substituir? A arma estava inoperante? Se estava, será que avariou após o tal disparo sobre a Ilha do Pai? Algum segredo Mr. Brindley escondia, porque essa história de doença não convenceu ninguém.

Enquanto não se descobre o segredo de Mr. Brindley, surge a pergunta: onde estava o Chefe da Artilharia do “Niterói” que não determinou ao seu subordinado abrir fogo ou providenciou para que alguém o fizesse? Este é mais um mistério. O embarque de E. C. Millen (ou E. F. Miller), que deveria exercer a função de Chefe da Artilharia, está registrado, inclusive com elogios à sua carreira: “por três vezes recebeu o prêmio de melhor artilheiro da Esquadra do Atlântico Norte”.⁶ Entretanto, a partir desse registro, seu nome não aparece mais. O que teria acontecido com o experiente artilheiro? Será que fugiu ao constatar que não havia munição suficiente no Niterói? Não é possível responder, pois não se sabe ao certo se havia munição suficiente no Niterói. O *The New York Times*, de 12 de novembro de 1893, noticia que a munição do Niterói foi recebida no dia anterior ao suspender dos EUA, mas como não cita a quantidade, não soluciona o mistério. Segundo Sérgio Correa da Costa, a quantidade não era suficiente: “O próprio Niterói, quando chegou a Pernambuco, verificou-se que tinha trazido tão pouca munição que não poderia permanecer em ação por mais de meia hora. Seu temível dynamite gun dispunha de um projétil com carga completa, quatro com carga parcial e doze cápsulas vazias”.⁷ Considerando uma carga completa igual a 500 libras de dinamite e uma carga parcial 400 libras, existia no “Niterói” um total de 2100 libras (cerca de

950 kg). Entretanto, essa informação não corresponde ao previsto no plano de combate do Almirante Gonçalves contra os rebeldes na Guanabara. O plano determinava ao navio lançar sobre a fortaleza de Villegagnon “três projetis de dinamite, representando um total de mil de duzentos quilos (1200 kg) de matéria explosiva”⁸ e repetir a ação contra a fortaleza da Ilha das Cobras. Comparando as quantidades, a supostamente existente a bordo seria bem menor do que a prevista no plano de combate. Será que os legalistas planejaram o ataque sem possuir informações precisas acerca da quantidade da munição estocada? É pouco provável, mas a falta de conhecimento sobre a arma, que ficava sob inteira responsabilidade de Mr. Brindley e sua equipe, pode ter causado confusão. O fato de ser uma arma de vanguarda justificava o comportamento de não divulgar seus dados. Entretanto, o conhecimento sobre as suas características era tão restrito que confundiu até os historiadores, pois algumas fontes se referem ao canhão apresentando características distintas. Isso faz com que apareçam novos mistérios: Qual era o seu alcance? Qual era a quantidade de explosivo lançada pelo projétil? Possuía elevação e conreira fixas?

Como se pode observar na tabela a seguir, os dados sobre a carga do projétil (explosivo) e alcance são diferentes, não desvendando o mistério sobre eles.

EXPLOSIVO (TNT)	ALCANCE	FONTE
500 libras (*)	2.700 m (2,7 km)	“Alte Jerônimo Francisco Gonçalves”
980 libras	4.800 m (4,8 km)	“Soldados da Pátria”
+ de 969 libras (440 kg)	5.000 m (5 km)	“Comércio e canhoneiras”
500 libras	Grandes distâncias	“Brasileiros no sinistro Triângulo das Bermudas”
50 libras (**)	1,75 milhas	“História Naval Brasileira, Volume V, Tomo IA
100 libras (**)	2,5 milhas	
200 libras (**)	3 milhas	

(*) Projetis poderiam ser carregados com menos carga possuindo alcances menores.
(**) Os projetis possuíam hélices, que lhes davam movimento rotativo.

⁵ The New York Times (NYT), 22 nov. 1893.

⁶ The New York Times (NYT), 12 nov. 1893.

⁷ COSTA, Sergio Correa da. Brasil, segredos de Estado. Rio de Janeiro: Record, 2011, p. 251.

⁸ GONÇALVES, Alberto Augusto. Traços biográficos do Almirante Jerônimo Francisco Gonçalves. Rio de Janeiro: Imprensa Naval, 1943, p. 125.

Com relação à conreira e elevação, os dados também não coincidem. Segundo o Almirante Arthur Oscar Saldanha da Gama, o canhão “*tinha elevação e conreira fixas... A distância alcançada pela carga era regulada pela pressão variável do ar comprimido e a conreira era dada pela própria proa do navio*”.⁹ Entretanto, essa informação não está de acordo com o livro “A revolta da Armada”, que diz ter o modelo brasileiro conreira e elevação. Corroborando esse último dado, um artigo de 21 de abril de 2008¹⁰ chega a afirmar que a arma, diferente dos canhões instalados no USS “Vesuvius”, possuía um arco de 300° de conreira e era capaz de elevar.

Mas os mistérios não estão apenas nas características. O preço do canhão-dinamite também apresenta dados controversos. Enquanto Saldanha da Gama afirma que o canhão custou 70 mil dólares, Steven C. Topic diz que o preço foi 90 mil. Um mistério de 20 mil dólares, quantia considerável à época.

A Revolta terminou e, independente do mistério sobre o preço, surgiu um problema financeiro. Embora

a Marinha tivesse comprado o navio, quem desembolsou o dinheiro para a compra do canhão foi o empresário Mr. Flint, que, não querendo sair prejudicado no negócio, cobrou da MB a dívida. Sabendo que a arma não iria funcionar, as autoridades navais solicitaram um teste que, obviamente, não foi realizado, pois Mr. Brindley, sempre ele, mais uma vez deu parte de doente. Em consequência, pediram para o canhão ser retirado de bordo. Mais um mistério que surge. O canhão foi ou não retirado? Segundo algumas fontes, o canhão pneumático foi instalado na Fortaleza de Santa Cruz para atuar na defesa da costa. Outras concluem que a arma ficou mesmo a bordo do “Niterói”, que após hábeis negociações de Mr. Flint, foi revendido por um milhão de dólares aos Estados Unidos, prestes a entrar em guerra com a Espanha.

Batizado como USS “Buffalo”, o ex-“Niterói” prestou relevantes serviços à Marinha norte-americana até 1927. Com o desenvolvimento dos propelentes e projetis no final do século XIX e início do século XX, a vida dos canhões-dinamite não foi tão longa. O USS “Vesuvius” perdeu seus canhões em 1904; os doze canhões empregados na defesa do litoral saíram de serviço em 1905.

E o canhão-dinamite do “Niterói” que fim levou? Como termina a sua história? Não se sabe. Mistério...

⁹ GAMA, Arthur Oscar Saldanha (Almirante). *Brasileiros no Sinistro Triângulo das Bermudas*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1984, p. 60.

¹⁰ <http://www.navweaps.com>. Acesso em: 26 de maio de 2011.

BIBLIOGRAFIA

BRASIL. Ministério da Marinha. *História Naval Brasileira*. Volume V, Tomo IA. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação Geral da Marinha, 1995.

COSTA, Sergio Correa da. *Brasil, segredos de Estado*. Rio de Janeiro: Record, 2011.

FRANK D. MCCANN. *Soldados da Pátria: a história do Exército Brasileiro 1889 – 1937*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007 (Stanford University Press, 2004).

GAMA, Arthur Oscar Saldanha (Almirante). *Brasileiros no Sinistro Triângulo das Bermudas*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Ed., 1984.

GONÇALVES, Alberto Augusto. *Traços biográficos do Almirante Jerônimo Francisco Gonçalves*. Rio de Janeiro: Imprensa Naval, 1943.

<http://www.navweaps.com>. Acesso em: 26 de maio de 2011.

MARTINS, Hélio Leôncio. *A revolta da Armada*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Ed., 1997.

The New York Times (NYT), 12 nov. 1893.

The New York Times (NYT), 22 nov. 1893.

TOPIC, Steven C. *Comércio e canhoneiras: Brasil e Estados Unidos na Era dos Impérios (1889-97)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.